

***MEMÓRIA A NAVE
DA ETERNIDADE***

Livro 48

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



MEMÓRIA A NAVE DA ETERNIDADE

Empresto minha voz aos meus antepassados, autentico seus sentimentos que reverberam no meu coração construindo memória e dando sentido à nossa cultura. Assisti mulheres e homens derretendo, desfeitos na escuridão, desconhecendo o tempo que se aproximava, incertos diante do idioma que oculta, apoderando-se dos seus sentidos, respondendo algo que eles não sabiam ler. Para acostumar-se com a vida, com a ferida, com a paixão, com a descoberta e a desapareição; para acostumar-se a não curar a saudade, para tratar presumindo que seja esta a essência da reciprocidade, para acostumar-se à mútua e compartilhada acolhida, presumo que todos se ofereçam para juntos lograr ser melhor. Ouçam os barqueiros, toquem seus remos, guardem as distâncias e as ribeiras, ouçam-nos em seus alertas, suas calmarias e suas pressas, tenham atenção ao seu estilo, como escolhem os cais, como usam os ventos, como flagram os riscos, como preservam as fêmeas, como garantem a reprodução, como administram seus amores à distância; Ouçam os barqueiros preservadores das espécies e das inocências.

CONSTRUIR A PAZ

Os fenícios não investiram na produção de armas, por não ser um povo das guerras produzindo através da diplomacia e do comércio. As diferenças e as alianças limitadas entre as cidades-estado, eles sobreviviam pela construção de uma sobrevivência conveniente com os impérios vizinhos construída pela riqueza cultural e econômica. Pagando tributos ao novo reino do Egito (1550-1069 a.C.) e o reino de Israel (1030-930 a.C.) que os protegeram mediante pagamento.



A PAZ ALCANÇADA

Até o império neo-assírio (934-694 a.C.) foram aceitos os acordos por alguns séculos. Na década de 730 a.C., no entanto, o rei Tiglate-Pileser III invadiu e conquistou Tiro, então a cidade fenícia mais próspera. Tiro não foi destruída, mas perdeu muito da sua autonomia. À conquista dos Assírios, se seguiriam a dos Persas sob Ciro I (539 a.C.) e a dos Macedônios de Alexandre Magno (332 a.C.) que arrasaram a cidade. Nada restaria da Fenícia original, exceto sua maior criação: Cartago.

FUNDAÇÃO DE CARTAGO

Fundada em 814 a.C., Cartago começou a receber migrantes do Oriente Médio conforme a situação piorava, e tornou-se independente em 650 a.C. Em 308 a.C., virou república. Cartago aprendeu uma lição com sua antiga metrópole: dinheiro não compra a paz indefinidamente. O império Cartaginense venceu uma série de guerras contra os gregos, entre 480 e 275 a.C. A última dessas guerras, chamada Guerra Pírrica (280-275 a.C.), acabaria tendo um custo inesperado. Ela tornaria seus aliados, os romanos, em inimigos mortais.



SURGIMENTO

O vazio deixado pela decadência das civilizações que dominavam a Idade do Bronze ao redor de 1.200 a 1.100 a.C. ocorrido por causas insuficientemente conhecidas, se abriu espaço para o comércio fenício. No vazio de Gregos, egípcios e hititas em decadência surge a percepção dos fenícios determinando a construção de uma rede comercial como meta de oferecer produtos desconhecidos dos povos por onde navegaram.

NURA

Luz é o significado que se outorgou a Nura, título que provém do idioma árabe. Outro alcance que tem o nome Nura é “a que está cheia de luz”. Tudo isto leva a considerar que a quem seja outorgado tal nome, será bendita em sua vida. A maioria das mulheres chamadas Nura nasceram em uma família árabe-esponhola. Ainda que, na Espanha existam somente umas 35 pessoas aproximadamente que estão registradas como Nura. O diminutivo de Nura é Nur, ainda que não significam exatamente o mesmo, enquanto Nura significa luz, Nur se define como dia.



VINHOS E PAPIROS

O comércio dos fenícios, apresentava produtos de outros povos, vendiam vinho grego aos egípcios, e papiro egípcio aos gregos.

A palavra “byblos” passou a significar “papiro” em grego porque eram os comerciantes de Biblos que os supriam com o material. Com o tempo, biblos também significava o conteúdo do papiro, isto é, o livro, palavras como biblioteca e Bíblia tiveram assim sua origem.

COLONIAS

Os navios fenícios tinham uma autonomia limitada as suas dimensões, faziam rotas próximas à costa, por isso estabeleceram mais de 300 colônias em pequenas vilas com menos de mil habitantes. Nessas colônias criaram-se entrepostos com função de armazenamento daquilo que transportavam.



VILAS

Essas vilas não eram possessões coloniais no sentido moderno – eram estabelecidas com o consentimento dos moradores da região e não tinham zona rural, dependendo dos locais para suprir-lhes alimentos. Era mais um entreposto que colônia, num modelo que os portugueses repetiram 2 mil anos depois com suas feitorias asiáticas.

GUERRAS PÚNICAS

Os romanos saíram da guerra confiantes em sua capacidade militar, e menosprezando a dos cartagineses, que tiveram várias derrotas. Sob o pretexto de uma aliança com um grupo de mercenários, os romanos declararam guerra a Cartago em 264 a.C., iniciando a 1ª. Guerra Púnica. Roma venceria, ficando com a Sicília, e cobraria tributos. Para pagar tais impostos, os cartagineses expandiram seu domínio na Espanha pela via militar, tomando cidades dos celtas locais.



INOVAÇÕES

Para deslocar-se pelo Mediterrâneo, os fenícios inovaram, entre as mais importantes inovações as relacionadas a tecnologia naval. Os navios de guerra usados pelos romanos e gregos eram basicamente uma criação fenícia. Foi deles a ideia de construir um navio a partir de um esqueleto posto numa doca seca, a partir da quilha central, outra invenção sua.

AS CASAS

Destacando que a base documental de toda cultura Fenícia segue sendo reduzida devido a múltiplos fatores, o que impede uma reconstrução integral dos modos de vida. A organização político-territorial hierarquizada na região de Sulcis, manifesta nas casas ali investigadas tipos de assentamento segundo sua categoria. Núcleos de primeira ordem como podem ser cidades, normalmente representadas pelas colônias fenícias, assentamentos de segunda ordem como centros urbanos de menores dimensões ou núcleos fortificados para finalizar com enclaves de menor envergadura como aldeias, fortins, armazéns fluviais, bairros comerciais ou granjas seguindo um planejamento que foi proposto para outros lugares segundo a situação colonial ou entidades políticas.

ARQUITETURA I

Um pátio central aberto ao ar livre rodeado de quartos, um modelo que teve origem na zona do levante sírio-palestino. Nelas aparece a importância do eixo central da casa que além de ser um foco importante de iluminação e ventilação (saúde) já que estas casas careciam de aberturas ao exterior, também era um lugar onde se realizavam todos os tipos de atividades domésticas, convertendo-se em um importante espaço de socialização para seus habitantes.



ARQUITETURA II

As casas típicas tinham um vestíbulo que llevaba a um pátio, este tinha uma importante função de criar espaços privados funcionando como um divisor entre a vida privada e pública, entre os próprios habitantes da casa e os visitantes provenientes do exterior que podem ser recebidos no pátio sem que tivessem acesso a outras partes da moradia.

O que nos permite deduzir a importância da privacidade e do recato há XII séculos no povo Fenício.

ARQUITETURA III

Nas casas mistas onde havia espaço para comerciar, se situavam poços e cisternas que garantissem as reservas hídricas para os residentes e que em alguns casos costumavam estar acompanhados de silos para o armazenamento de grão. No século VI em Mozia uma casa tinha banho, revestimento hidráulico onde se alojou uma banheira. No bairro aristocrático da acrópole do Mediterrâneo Central, a “casa do sacerdote doméstico” elementos arquitetônicos, pinturas, pátio com enlouçados e porteados, capela votiva, sala de banho, andar superior.

Desta forma se reitera nessas descobertas a importância da higiene (saúde preventiva), do uso de recursos da natureza a serviço da vida (Freud conceituava esta como uma das formas de fazer Cultura, a outra seria a Relação Entre os Humanos). O detalhamento recuperado mostra uma fantástica forma de moradia e cuidado local de trabalho. Vale o contraste do uso de reservas hídricas e o armazenamento dos grãos como pontos culminantes da cultura fenícia em relação a outras da mesma época.

LACUNAS

Maiores problemas encontra a arqueologia na hora de detectar aqueles membros da sociedade que menos evidências deixaram como crianças, anciãos, serventes e escravos, dificuldades por outro lado não serão desculpas para ignorar sua existência e abandonar a árdua tarefa da sua identificação.



SEGUNDA GUERRA PÚNICA

Saguntum era uma cidade protegida por Roma. Assim começou a 2ª. Guerra Púnica (218-211 a.C.). Sob o comando de Aníbal Barca, e com o apoio de aliados africanos, a guerra começou com surpreendente ofensiva cartaginense em que os exércitos cruzaram os Alpes com elefantes de guerra e impuseram várias derrotas aos romanos. Mas a guerra se prolongou demais, e terminou em outra derrota para Cartago, que perdeu a Espanha e se tornou um estado cliente de Roma.

ALINHAVOS

A cultura imóvel necessita como complemento natural a cultura móvel com a que dialoga em silêncio. Faltam testemunhos, documentação, correndo o risco de saltar no vazio recorro a memória, às palavras e aos atos que presentificam evidências históricas nem sempre valorizadas como a presença viva do passado no presente. Corro riscos, um salto no tempo que através das tradições poderão ser alinhavados.



LEME E REMOS

Os navios Fenícios foram os primeiros a ter leme. Também foram eles que tiveram a ideia de distribuir os remadores em duas linhas, criando a birreme, que depois ganharia mais uma linha, tornando-se trireme. Esses eram navios de guerra, os remadores extras davam velocidade em manobras de abordagem, bater em outro navio para afundá-lo, que se tornou a principal forma de guerra naval da época.

TERCEIRA GUERRA PUNICA

Os sentimentos de vingança pela quase derrota nunca foram esquecidos. A 3ª. Guerra Púnica foi simplesmente o massacre de Cartago. A frase delenda est Cartago (Cartago deve ser destruída) vem dos discursos do senador Cato para convencer os romanos a eliminar a cidade. E eliminada foi. A população foi escravizada, a cidade, queimada, e a história dos fenícios, apagada.



VELAS

Os navios de transporte usavam principalmente velas. Mas a criação fenícia mais duradoura é o alfabeto, do qual deriva o nosso. Usar letras para passar sons, e não ideias, como hieróglifos, foi uma simplificação revolucionária.

FATORES HERDADOS

Liberdade de deslocamento, abundância, estabilidade, armazenamento, terraços agrícolas, cooperação, solidariedade, fraternidade, criatividade várias.



ONTEM FENÍCIOS HOJE LIBANESES, SIRIOS, PALESTINOS

FENICIOS- produtores de equilíbrio - bens materiais + bens imateriais.

LIBANESES, SIRIOS, PALESTINOS - herdeiros ambíguos de uma identidade - bens materiais e/ou bens imateriais. Preponderância cultural entre ocidente e/ou oriente.

SISTEMAS

Os sistemas não funcionam sem a concordância dos humanos que os criam e mantem. É com este argumento que os controladores do poder seguem fabricando um mundo cada vez, porém oferecido como cada vez melhor.



TECIDOS FENÍCIOS

Outra colaboração dos fenícios foram os tecidos com grande fama entre eles o linho branco e a lã púrpura. Os tecidos de Sidón faziam as delícias dos portos orientais, uma tecelã de linho ganhava mais que uma de lã o que se deduz que aquele produto era mais complexo e especializado que o outro. A lã e os tecidos fenícios eram populares pela sua tintura, a púrpura, que se converteu em um produto quase exclusivo desta civilização. Os nobres disputavam esses tecidos então considerados o mais elevado sentido estético oferecido até então. Os fenícios se chamavam de fenícios, devido ao comércio da tinta púrpura, famosa em todo o Mediterrâneo.

PÚRPURA

A púrpura (phoinikés) era uma tinta cuja gama de cores oscilava do vermelho brilhante e o roxo mais violáceo, e se extraía de um molusco (Murex) através de complexos processos físico-químicos. As diferentes variedades destes moluscos –como puderam ser Murextruncullus, Murexbrandris, a Purpura haemastoma – devia manter-se viva após a pesca, já que o líquido que se buscava para a tintura exalava ao morrer. Segundo Plínio, estes moluscos poderiam viver cinquenta dias depois de ser capturados alimentando-se de sua própria saliva.



CANANEUS

Os Cananeus influenciaram várias culturas, criaram Cartago e Ibiza, todo o sudeste da Península Ibérica como entrepostos entre outros deixando marcas culturais profundas na construção da história da humanidade. Sua cultura e seu idioma estão presentes ainda hoje.

VIAGENS DOS FENICIOS

Inventaram o bi remo e o tri remo. Estima-se que cada viagem dos Fenícios pelos mares poderia tardar até cerca de 3 anos entre ida e volta justificando a criação de entrepostos para o intercambio a que se dedicavam. Entre esses é citada Tarsis que seria um desses lugares intermediários sem que se tenha ainda definido sua localização. Há estudos sobre rotas à África e Atlântico.



MADEIRAS E MARFINS

Acredita-se que a administração das cidades tinha como monopólio de la produção de madeira já que para seu transporte havia que realizar barcos especiais e era um dos produtos fenícios mais demandados. Esta madeira podia proceder de distintas espécies arbóreas, entre elas estavam osaloes, sândalos, zimbro ou ciprestes. Porém de todas elas destacava o famoso cedro do Líbano, que se extraía do monte Kasios cuja produção se destinava em grande parte para a fabricação de móveis de luxo e construção de barcos. Tambémo marfim do hipopótamo até sua extinção, posteriormente o marfim do elefante.

MUSEU DE PERGAMON

Recentemente encontra-se no Museu Pergamon, o mais importante de Berlim, vários fragmentos arquitetônicos de Baalbeck ali expostos.



ILHA TERCEIRA

Na ilha Terceira arqueólogos portugueses encontraram tábuas de madeira de uma barco fenício.

LITORAL

Um litoral muito frequentado, como nos indicam a fundação da cidade de Linux e a utilização da fábrica na ilha de Kerné, rendeu a investigação de uma escassíssima documentação iconográfica sobre barcos e nenhuma de arqueologia náutica. As fontes literárias, tão pouco deixa margem de dúvida sobre a importância da navegação antiga nestas águas. Atualmente o Centro de Estudos Fenícios e Púnicos já em seu 4º. Colóquio acontecido no Tenerife, publica um fantástico documento de 376 páginas de vários autores.



VENTOS

Dependendo de remos quando o vento não ajudava, os navios fenícios não tinham muita autonomia e faziam rotas próximas à costa, com paradas constantes. Assim eles estabeleceram mais de 300 colônias, normalmente meras vilas costeiras de menos de mil habitantes.

AS VILAS

As vilas não eram possessões coloniais no sentido moderno – eram estabelecidas com o consentimento dos moradores da região e não tinham zona rural, dependendo dos locais para suprir-lhes alimentos. Era mais um entreposto que colônia, num modelo que os portugueses repetiram 2 mil anos depois com suas feitorias asiáticas.

A grande exceção ao modelo fenício era Cartago, que tinha territórios no interior, e passou a ser o entreposto principal. Localizada na atual Tunísia, ficava na metade do caminho para as rotas que vinham da Sardenha e Sicília.



OS FENICIOS E O ATLANTICO

Os trechos de cultura em terraço, terraceamento do terreno, inventado pelos ou fenícios espalhou-se pelos países do Mediterrâneo. Os maias faziam o mesmo em Caracol, Belize e no Equador 1,5 séculos a.C. e os astecas no México.

OBJETOS

As cidades fenícias se especializaram na produção de determinados bens –madeiras, objetos de marfim, joalheiras, tecidos e uma grande quantidade de produtos-, que eram expostos a países vizinhos em troca da importação de alimentos. Fenícia se converteu deste modo na principal abastecedora de Manufaturas do Mediterrâneo oriental.



PERMUTA

O intercambio de produtos fenícios se dava de forma estratégica sendo portos próximos a rios, ou pequenas bahias que podiam servir de comunicações próximos a água doce e planícies férteis destinadas à produção agrícola da colônia. Com o assentamento estável se construía edifícios de tradição fenícia com o fim de organizar a vida administrativa e comercial do assentamento muitos dos quais com vários cômodos para funções administrativas, de armazenamento e de residência.

FRUTAS

As frutas significaram um complemento importante para a alimentação dos fenícios, por exemplo, as tâmaras, extraídos das palmeiras tamareiras que plantavam uma a sete metros da outra e que davam fruto a partir do seu sexto ano.



ALIMENTOS

Os locais arqueológicos ocidentais nos servem como fonte uma serie de tábuas encontradas em Ugarit, que aportam grande informação sobre o setor de alimentação. Como por exemplo está a tábua TU 4.345, da qual se verifica que o cereal mais consumido nesta cidade antes de sua queda no século XII a.C, era a espelta, mais barato e de menor qualidade, seguida da cevada e o trigo, que seriam mais secundários. A cevada custava em Ugarit a metade que o trigo, do que se deduz que a produção e consumo deste cereal era maior. A isto se somam uma série de achados arqueológicos

nas cidades fenícias que permitiram a descoberta de ânforas tipohippos com trigo carbonizado, o que pode indicar o uso destes recipientes par o armazenamento deste cereal. Em Linux –norte de Marrocos-, o cereal representou 90% da produção total da cidade durante os séculos VIII e VII a.C. que além de alimentar servia para comerciar o excedente. Em Cartago, a produção do cereal era 75% do total, em Baria, chegou a alcançar uma produção de 82% até o século V a.C.



O VINHO E OS FENICIOS

O vinho e sua cultura expandiram-se desde o Oriente pelos barcos fenícios já que eles foram pioneiros na produção de uva com o fim de fermentar seu suco e extrair o vinho. Por isso, a importância do vinho como fator econômico para determinadas cidades fenícias foi destacável, porém o mais importante foi a influência posterior este produto e sua extensão em todo o arco mediterrâneo como um dos consumos estrela através dos tempos. A uva se destacou, foi um estandarte para a

civilização fenícia pois foram eles que expandiram por todo mediterrâneo os conhecimentos e as técnicas para a produção do vinho, o que iniciou uma forte tradição vinícola que logo seria continuada por púnicos, gregos e romanos. Além de que o vinho não somente teve uma função alimentícia, mas que seu uso derivou em práticas rituais ante os deuses, como o caso de Astarté, aqueles realizavam umas festas em sua honra na época de vindima.



UVA DE UGARIT

Na cidade de Ugarit 33% do território era dedicado ao cultivo da uva por sua elevada rentabilidade econômica. Uma vez colhidas as uvas e pisoteadas se fazia em condições ótimas de iluminação e ventilação para evitar a oxigenação excessiva do mosto e depois da primeira fermentação se depositava em recipientes como ânforas e odres. Estas ânforas, que serviram inclusive como unidades de medida, não só serviram para o vinho, mas também como recipientes de azeite.

CANAÃ

Cannã designava mais que apenas as terras dos ditos Fenícios, era toda a região entre o sul da Síria e a Palestina, habitada também por outros povos, como os hebreus e os filisteus – cuja história, de fato, se confunde com a deles desde antes do século XII a.C.



COLONIAS

Expandindo suas atividades comerciais, os Fenícios fundaram diversas colônias que, a princípio, serviam de bases mercantis. Eles elevaram a atividade comercial para um patamar de valores que nenhum outro povo até então tinham conseguido. Encontramos colônias fenícias em lugares como Chipre, Sicília, Sardenha e sul da Espanha. No norte da África, os Fenícios fundaram a importante colônia de Cartago. Uma característica dos Fenícios era a de ser um povo que trocava culturas sem haver dominado ou invadido nenhum outro povo.

NAUTAS

Os Fenícios desenvolveram navios avançados que lhes davam condição de navegar por todo o Mar Mediterrâneo. Os navios fenícios eram adornados com uma cabeça de cavalo em referência a um deus chamado Yam, considerado o deus portador do caos e aquele que era responsável por manter o mar calmo.



HUMANO- NATUREZA

Na esfera religiosa, os fenícios ficaram conhecidos pelo seu amplo interesse nas práticas animistas, ou seja, a adoração às árvores, montanhas e demais manifestações da natureza. Sua familiaridade com o mar permitiu navegações distantes em perfeita unidade humano-natureza.

COMÉRCIO

O desenvolvimento do comércio pelos Fenícios aconteceu primordialmente através da realização de trocas de mercadorias. Com o passar do tempo, a expansão das atividades privilegiou a fabricação de moedas que facilitaram a realização de negócios. Sob tal aspecto, se destaca a grande complexidade do artesanato entre os Fenícios. Madeiras, tapetes, pedras, marfim, vidro e metais eram alguns dos produtos que atraíam a atenção dos habilidosos artesãos Fenícios.



Roberto Curi Hallal

